

CAPÍTULO 5

ELEMENTOS CONSTITUINTES PARA UMA AROMATECA: UMA PROJEÇÃO POSSÍVEL

Jorge Moisés Kroll do Prado

1. INTRODUÇÃO

As bibliotecas estão no imaginário das pessoas como um ambiente que propicia silêncio, intimismo, estudo e leitura – mais especificamente, a dos livros. Isso é decorrente da própria história pela qual esses espaços percorreram ao longo dos anos. Por muito tempo essa relação perdurou, já que atendia às necessidades informacionais dos indivíduos. Os livros eram objetos tidos por muitos como de luxo, em virtude de seu preço exorbitante; logo, a biblioteca era uma forma de garantir acesso a eles.

Mais recente, a partir dos últimos anos do século XX, as bibliotecas passaram a adotar um formato diferente de atuação. Seja para que se pudessem manter respeitadas pela sociedade, seja pela necessidade imprescindível de se reinventarem, os livros começaram a deixar de ser a única fonte de informação. As tecnologias, sejam as de aparatos físicos (dispositivos), sejam as digitais (aplicativos e softwares), também colaboraram para que essa transformação começasse a ser constatada.

Vários novos produtos e serviços de informação nasceram de um acompanhamento do desenvolvimento social, cultural e econômico, das tecnologias e das novas formas de ensinar e de aprender. Os bibliotecários começaram a entender que precisavam abrir espaços entre suas estantes para alcançar e propor novas formas de disseminar e criar informação.

É dentro desse contexto que neste capítulo quero apresentar os elementos fundamentais para a criação e o desenvolvimento de uma aromateca de especiarias. Remeto à minha memória, a partir do momento em que pude realmente criar um acervo, em 2015, para redigir os próximos parágrafos, em uma linguagem que propicie uma ponte entre teoria e prática e que colabore com os interessados que por esse caminho queiram seguir.

2. SERVIÇOS E PRODUTOS PARA NECESSIDADES INFORMACIONAIS CONTEMPORÂNEAS

O acesso à informação pode ser garantido nos mais diferentes suportes. Isso se comprova nas obras de Burke (2003; 2012), por exemplo, que percorreu todo o período da história da humanidade e sua relação com a produção de conhecimento. As bibliotecas buscam acompanhar essas mudanças ao planejar seus novos produtos e serviços de informação. Ainda continua em foco o acesso aos livros, mas já podemos encontrar na literatura, nos congressos e, aos poucos, no ensino de graduação novas vertentes de atuação preocupadas com esse contexto.

Em Lankes (2012) podemos verificar a ascensão dos makerspaces, que são espaços nos quais os indivíduos, além de poderem ter acesso, são produtores de conhecimento que se configura, geralmente, em produtos tridi-

mensionais (maquetes, protótipos e robótica são os mais comuns). Em pesquisa desenvolvida pela Pew Research (HORRIGAN, 2015), quase um terço dos respondentes a partir dos 16 anos manifestou que os livros nas bibliotecas poderiam dar espaços a hubs de tecnologia e áreas de trabalho mais coletivas e customizáveis.

A iniciativa das bibliotecas-parque na Colômbia, premiada internacionalmente (e que recentemente chegou ao Brasil, no Rio de Janeiro), provê um espaço que não somente abriga diferentes produtos, mas também abraçou para si a responsabilidade social de transformar o ambiente em que está. Como estratégia do governo daquele país, a ideia de colocar a biblioteca em um ambiente de vulnerabilidade (desigualdades social e econômica, elevado índice de criminalidade) foi justamente para poder oferecer capacitação, entretenimento e lazer para aquela população.

Realizações assim somente aconteceram porque foram percebidas necessidades informacionais mais contemporâneas que nasceram por uma série de fatores: fácil acesso às tecnologias da informação, rápido desenvolvimento da internet e das mídias sociais, o indivíduo passa a ser produtor de conteúdo e deixa de ser consumidor passivo e as tentativas de estreitamento entre academia e mercado. Em linhas gerais, a formação e o desenvolvimento de um novo acervo precisam acompanhar esta linha de raciocínio.

No relato de Prado e colaboradores (2015), percebemos como uma demanda de alunos de Gastronomia pode ocasionar o desenvolvimento de uma aromateca,

um acervo especializado em produtos como temperos, sementes e outras variadas especiarias. Foi pensando na educação de competências, que alia a aprendizagem teórica com a prática moderna, que um novo produto pôde ser planejado e elaborado.

3. FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE AROMATECA

Após compreendermos um pouco desse novo contexto informacional e das possibilidades de atuação (necessárias) das bibliotecas, apresento os elementos para formação e desenvolvimento de uma aromateca. Eles são resultantes das experiências relatadas em Prado e colaboradores (2015) e de outra, que no momento da redação deste capítulo passa pelo procedimento de avaliação editorial. Todas focaram, principalmente, no tratamento técnico descritivo do acervo.

Os aspectos apontados por Corrêa (2013) serviram como base teórica para os elementos constituintes de formação e desenvolvimento de um acervo de aromas. A autora afirma que, a partir do avanço das tecnologias de informação e comunicação, uma nova terminologia e filosofia de trabalho precisa ser ampliada, a da gestão de estques de informação.²⁰ A seguir, apresento esses itens.

20 “Corresponde à atividade de Formação e Desenvolvimento de Coleções. Possui, no entanto, uma ênfase ainda mais evidente no caráter administrativo atribuído às tarefas de gerenciamento dos acervos de bibliotecas, que

3.1 Foco na comunidade

O primeiro ponto apresentado por Corrêa (2013), que é também preconizado por Lankes (2016a; 2016b), é a necessidade de compreendermos a comunidade que fará uso do acervo. Entender quais são suas necessidades e como se comportam informacionalmente com certeza fará com que se delineie melhor sua construção (de sua composição até a gestão envolvendo detalhamento técnico). Isso pode ser alcançado a partir das técnicas do tradicional estudo de usuário e de comunicação ou até mesmo com uma pesquisa de mercado proveniente do marketing. A convivência também é um modo de excelência em se compreender o público.

Nessa primeira etapa, é importante que se tenha em mente qual será o propósito da aromateca ao público, para que assim se possa saber como será seu uso: se a partir da degustação, pela observação, pelo olfato ou por todas as sensações. No relato de Prado e colaboradores (2015), o acervo nasceu com o intuito de atender aos alunos dos cursos de Gastronomia, que em sala de aula somente ouviam falar sobre determinadas especiarias, sem nunca ter contato com elas. Dessa forma, a biblioteca pôde atender a essa demanda de forma muito pontual e efetiva. O acesso deixou de ser pelas ilustrações dos produtos nos livros e passou para o real.

pressupõem atividades de planejamento, acompanhamento e avaliação” (CORRÊA, 2013, p. 2).

3.2 Trabalho coletivo e cooperativo

Corrêa (2013), a partir da reflexão de Strehl et al (2010), menciona que as bibliotecas precisam estar aptas a trabalhar em rede, de modo cooperativo. Reafirmo essa colocação, mas ao se tratar de uma aromateca, um aspecto que mencionarei com mais afinco adiante é que, no ponto da avaliação do acervo, será necessário prever os prazos de validades dos aromas.

Como o intuito de uma aromateca é que o indivíduo tenha acesso à especiaria a partir de quase todos os sentidos, especialmente quanto ao olfato, os ingredientes precisam ser substituídos com determinada frequência, respeitando esse prazo de validade. Logo, instituir parcerias com supermercados ou até mesmo empresas do ramo facilitam quanto à atualização do acervo.

3.3 A seleção

Tendo conhecimento dos anseios da comunidade que a biblioteca atende, bem como de possíveis parcerias estratégicas para o desenvolvimento do acervo, é o momento de definir o espaço físico que irá receber a aromateca. É de fundamental importância que ele seja cuidadosamente pensado em virtude de alguns materiais que podem perder suas propriedades naturais se expostos em demasia à luz artificial ou até mesmo natural. Como é um acervo que, muito provavelmente, terá todos os materiais agrupados em um espaço mediano, é importante verificar que ele não fique muito

próximo à área de estudos dos alunos, já que os cheiros estarão fortemente presentes.

Em seguida, determina-se quais recipientes irão receber as especiarias. Lembre-se de que esse tipo de acervo propicia a experiência sensorial dos interagentes da biblioteca, portanto, é necessário se certificar de que o material escolhido seja de fácil manuseio, mas que também armazene eficazmente os produtos.

Especificamente sobre a seleção dos itens, há sete tipos de especiarias: semente, mistura, grão, erva, extrato, fruto e flor (CORAZZA, 2015). A escolha de quais comporão a aromateca pode passar pelos critérios propostos por Vergueiro (1995): qualidade (validade do produto, cor, emissão de cheiro), relevância (dependendo do interesse da comunidade, determinado tipo pode prevalecer conforme a gastronomia local, por exemplo) e interesse (também conforme a comunidade).

O autor ainda propõe o uso de indicadores qualitativos e quantitativos; entretanto, estes não assumem obrigatoriedade ao se desenvolver uma aromateca, visto que um exemplar de cada aroma ou especiaria já é suficiente. A preocupação aqui, quando se trata em quantidade e em qualidade, recai na disponibilidade de reposição dos itens do acervo (após término do prazo de validade ou mesmo depois de todo seu consumo, caso seja degustado): é preciso ter isso planejado dentro de uma política.

Quanto ao uso de instrumentos auxiliares e dos responsáveis pela seleção, como propõe Corrêa (2013), eu os agrupo em um único parágrafo por entender que

seja uma via de mão dupla, ou seja, o professor na área de Gastronomia pode ser compreendido como instrumento auxiliar e como responsável pela aquisição, por exemplo. Livros, catálogos e receitas, enquanto fontes de informação primárias, também podem servir no auxílio do processo de seleção dos aromas.

3.4 A aquisição

O procedimento de aquisição precisa ir de encontro com as necessidades da comunidade que foram identificadas no início da proposta, ao se pensar em organizar uma aromateca. Segundo Weitzel (2006), há quatro maneiras de se fazê-la: com doações, compras, permutas e intercâmbios.

Uma aromateca é um acervo bastante peculiar, pode-se até dizer que especializado, que raramente terá as atividades de permuta e intercâmbio. Enquanto com materiais bibliográficos podemos avaliar se eles se encontram em boas condições para troca e se são de interesse para a biblioteca de destino, com uma especiaria isso se torna um pouco mais complicado: seja pela própria fonte de informação em si, seja pela competência especializada do bibliotecário em realizar a permuta. A mesma reflexão encaixa-se com a questão do intercâmbio.

Sobre a compra, destaca-se que, ao se planejar uma aromateca, o investimento em aquisição de novos itens precisa ser permanente para a reposição dos mesmos. O modo que ela será usada (no caso da de-

gustação) e o prazo de validade de produtos são determinantes na definição dessa periodicidade, logo, em seu investimento.

Já as doações podem ser provenientes de parcerias estabelecidas com a comunidade e com empresas especializadas do ramo. Elas são proveitosas e devem ser motivadas, até mesmo para estreitar relações, mas deve ser levada em consideração a necessidade ou não de reposição desse item ao acervo posteriormente.

3.5 A avaliação

A avaliação de uma aromateca é muito mais simples do que a de um acervo prioritariamente bibliográfico ou até mesmo composto por material multimídia. Seu objetivo é mantê-lo atualizado e continuamente útil à comunidade beneficiária. Ela pode destinar em descarte, desbaste, restauro e conservação, no caso de livros (WEITZEL, 2006; FIGUEIREDO, 1991).

Para os aromas, não há a atividade de restauro. Quanto ao desbaste, que para Figueiredo (1991, p. 84) é o “processo de extrair títulos ou partes da coleção, quer para remanejamento, quer para descarte”, ele raramente irá acontecer, em virtude do pouco espaço que ocupa e da rápida troca de produtos.

É com o descarte que a preocupação se torna mais criteriosa, principalmente quanto ao seu monitoramento. Recomenda-se que para cada aroma inserido ao acervo seja observada sua data de validade. A partir dos campos do MARC21 (Machine Readable Catalogin

21) um sistema de catalogação legível por computador e de notificações automáticas para essas datas pelo sistema gerenciador da biblioteca, esse monitoramento pode ser facilitado.

Por último, dentro do elemento da avaliação, a conservação dirá respeito principalmente quanto a temperatura, umidade e luminosidade do ambiente em que ficará a aromateca. Esses fatores devem ser analisados particularmente conforme cada tipo de especiaria inserida ao acervo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação e o desenvolvimento de uma coleção são, antes de qualquer outra especificidade, atividades de gestão que requerem estratégia, conhecimento da comunidade, planejamento, recursos e pensamento crítico. Se por si só, ao longo dos anos, estes já foram processos detalhistas e muito importantes para as bibliotecas, ao se tratar de um acervo mais “peculiar” e inovador o nível de detalhamento tende a aumentar.

Qualquer coleção, em qualquer ambiente informacional, pode seguir o que a literatura científica da área já investigou sobre gestão de estoques informacionais. Outrossim, é importante que o bibliotecário, ao trabalhar com coleções especiais, tenha a perspicácia de perceber e propor novas contribuições teóricas, sendo estas muitas vezes advindas das práticas profissionais.

No caso da aromateca, temos um elemento muito importante que permeia todas as fases de seu desenvolvimento: o tempo. É o tempo, em todas as suas possíveis significações, que influenciará na aquisição, na seleção, na avaliação e na organização. Trabalhar com ele exige dedicação ainda mais especial a um acervo como este, pois ele será determinante na gestão.

Dentro deste capítulo, busquei expor uma reflexão direcionada ao objeto que permeia todo este livro e que necessita de constantes e novas abordagens. Aos que perceberem na comunidade com a qual atua que há a possibilidade de se desenvolver uma aromateca, é esperado que estes parágrafos possam colaborar com sua realização e suscitar novas contribuições.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Uma história social do conhecimento II: da enciclopédia à Wikipedia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CORAZZA, Sônia. **Aromacologia: uma ciência de muitos cheiros**. 4. ed. São Paulo: Senac Nacional, 2015.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. **Política de gestão de estoques de informação: uma proposta para a atuali-**

zação de conteúdo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** São Paulo: CBBB, 2013.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Metodologias para a promoção do uso da informação**: técnicas aplicadas particularmente em bibliotecas universitárias e especializadas. São Paulo: Nobel, 1991.

HORRIGAN, John B. Libraries at the crossroads: the public is interested in new services and thinks libraries are important to communities. **Pew Research Center**, Washington, 15 set. 2015. Disponível em: < <http://pe-wrsr.ch/1FKS7kE>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

LANKES, R. David. **Expect More**: demanding better libraries for today's complex world. Jamesville, NY: Ri-land Publishing, 2012.

LANKES, R. David. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: Febab, 2016a.

_____. **The new librarianship field guide**. Cambridge, MA; London: The MIT Press, 2016b.

PRADO, Jorge Moisés Kroll do et al. Aromas como fonte de informação: uma aromateca para a Faculdade Senac Florianópolis. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 11, p. 99-133, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2DgzPS0>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

STREHL, Leticia et al. O método BiblioGrad para avaliação de acervos de livros de graduação: instrumento para gestão de recursos para aquisição em um sistema de bibliotecas universitárias. **Ciência da informação**. Brasília. Vol. 39, n. 3 (set./out. 2010), p. 105-115, 2010

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1995.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.